

Abastecimento

Elevação da demanda provocou “apagão florestal”

Sebastião Renato Valverde *

ACERVO IPEF



Pátio de madeira da Veracel: abastecimento industrial para a produção de celulose e outras demandas pressionam a oferta de madeira de eucalipto; BA

Em virtude do rápido crescimento das plantações de eucalipto, que confere vantagens competitivas no mercado de produtos florestais, o Brasil tem exportado cada vez mais e se situado, no caso da celulose, entre as primeiras posições, no *ranking* mundial. Os principais reflexos do avanço desse mercado são os aumentos dos preços dessa madeira e das áreas plantadas, pelos produtores rurais. Em contraposição, as empresas florestais, desde o fim da política de incentivos fiscais ao reflorestamento, têm encontrado dificuldades para expandir seus povoadamentos, diante, entre outras coisas, da valorização das terras e das pesadas críticas da sociedade contra o latifúndio e a monocultura de eucalipto.

Os projetos de reflorestamento, independentemente da espécie florestal plantada, caracterizam-se pelo elevado risco técnico e econômico a que estão sujeitos. Na maioria das vezes, esses riscos estão associados ao planejamento de longo prazo que caracteriza esses empreendimentos, e estão permanentemente passíveis da ocorrência de fatores como incêndios, ataques de pragas, doenças e variações de mercado, entre outras, que prejudicam a viabilidade e a atratividade do projeto. Outra característica negativa é – por enquanto, e apesar do aumento no último ano – o baixo preço da madeira, em razão da existência de condição de mercado em que a competição se faz de forma imperfeita, prejudicial no curto prazo aos produtores rurais e, no médio e longo prazo, às empresas e consumidores.

No entanto, mudanças significativas de conduta começam a ser observadas nesse mercado, como o aumento elevado da demanda por madeira, sem o correspondente aumento na oferta, provocando elevações de preços. O diferencial desse tipo de projeto, comparado aos demais (principalmente o agrícola), é que o aumento nos preços

não se reflete imediatamente no aumento da oferta. Isso porque esse reflexo só poderia ocorrer, no mínimo, dentro do prazo de maturação de um ciclo produtivo – considerando-se que, do plantio à colheita, leva-se de seis a sete anos. Com isso, esse colapso na oferta colabora para que haja mudanças profundas e positivas nesse mercado – com a valorização da madeira provocando um aumento na atratividade desse projeto.

Graças ao crescimento da produção das empresas florestais brasileiras e das demandas internacionais pelos produtos dessa cadeia, o Brasil tem-se tornado um dos maiores países do *ranking* de exportadores internacionais de produtos florestais, conquistando posição privilegiada e ganhando competitividade entre os países tradicionais no ramo de celulose, como a Finlândia e a Suécia. Mudanças significativas vêm ocorrendo, ao longo dos anos, no mercado doméstico e internacional de produtos florestais, com a expansão dos mercados existentes e o surgimento de novos mercados e novos produtos que utilizam, basicamente, a madeira de reflorestamento, no Brasil e no exterior. Internamente, as indústrias de celulose cresceram vertiginosamente suas produções. As siderúrgicas, por seu turno, estão trabalhando no limite de suas capacidades, e as serrarias se multiplicam, bem como as indústrias de compensados.

Surgiram também diversos novos produtos, como o MDF (*medium density fiberboard*, chapa de fibras de média densidade) e o OSB (*oriented strand board*, chapa de partículas orientadas). A madeira de eucalipto, que era utilizada basicamente na produção de carvão e celulose, passou a ser empregada na serraria, movelaria, construção civil etc. No entanto, o aumento da produção industrial não vem sendo acompanhado, no mesmo ritmo, pelo incremento da área reflorestada do

país. Dessa forma, seria mesmo óbvio que surgissem problemas, o que, no jargão do meio, foi apelidado de “apagão florestal” – em analogia à escassez de energia ocorrida no início desta década.

É interessante observar que as grandes empresas florestais não conseguem mais controlar totalmente os preços da madeira em seus mercados de atuação. Como o aumento da produção industrial não acompanhou o dos plantios, elas se tornaram mais dependentes de matérias-primas ofertadas no mercado. No futuro, a concretização da atual expectativa de que os produtores rurais ampliem suas participações no abastecimento de madeira industrial poderá aliviar bastante as empresas. Estas, por um contexto histórico, tiveram que formar grandes maciços florestais para se abastecerem, mas, a partir de um dado momento, poderão concentrar esforços apenas no processo industrial, deixando a cargo dos agricultores (a quem de direito) o fornecimento da madeira necessária ao mercado. 

***Sebastião Renato Valverde** é professor do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa (UFV). (valverde@ufv.br).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELESPINASSE, B. M.; BONSE, R. *Diagnóstico da comercialização de produtos florestais*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2002. 205 p.
- INFORMATIVO CEPEA – SETOR FLORESTAL. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br>. Acesso em: 17 ago. 2004.
- SILVA, M. L. da; JACOVINE, L. A. G.; VALVERDE, S. R. *Economia florestal*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2002. 178 p.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE SILVICULTURA (SBS). Estatística. Disponível em: <www.sbs.org.br>. Acesso em: 4 jun. 2004.
- VALENÇA, A. C.; MATTOS, R. L. G. *A década de 90: mercado de celulose*. 2001. Disponível em: <www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/cel90.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2004.